

# **A QUESTÃO DO “OUTRO” EM E. LEVINAS: NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL NO BRASIL.**

**José Antonio Trasferetti**

**Diretor da Faculdade de Filosofia**

**Coordenador do Programa de Mestrado em Filosofia**

**Prof. Titular de Filosofia**

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).**

**Campinas, Brasil.**

## **Introdução**

O artigo apresenta o conceito de Alteridade, por meio da filosofia, sobretudo no contexto do pensamento de E. Levinas, tendo como pesquisa empírica a abordagem dos fatos relatados em um jornal brasileiro. Como a imprensa escrita trata a questão do “outro”? Como é relatado? Divulgado? Buscaremos por meio do jornal Folha de S. Paulo, um dos maiores do país, conteúdo de matérias que relatam o drama do “outro” enquanto ser negado como sendo uma das principais causas/conseqüências do fato jornalístico.

## **1. Levinas: Alteridade e Transcendência**

O pensamento levinasiano nos apresenta um novo sentido para o agir moral em sociedade, pois ultrapassa as fronteiras da gnosiologia e da ontologia e funda uma ética da responsabilidade marcada pela relação face-a-face com o outro. Influenciado por Edmund Husserl e Martin Heidegger, Levinas funda uma ética enquanto filosofia primeira, pois está norteada numa relação aberta com o outro questionando os fundamentos egolátricos da cultura ocidental.

Muitos autores afirmam que a filosofia de Levinas encontra na fenomenologia de Husserl o seu ponto decisivo. Levinas busca por meio da fenomenologia uma acurada análise da realidade. Sua preocupação centra-se na realidade da vida, tal qual ela é vivida, sem subterfúgios. O pensamento Heideggeriano, também foi marcante no exercício

filosófico de Levinas. Entretanto, o filósofo lituano-francês superou a ambos, na medida, em que apresentou uma proposta diferente. Uma proposta desafiadora na qual a superação da subjetividade e abertura ao outro, enquanto um “rosto”, que clama por mim tornaram-se suas premissas principais.

A formulação fenomenológica busca explicitar a tessitura da experiência humana do real por meio da descrição dos elementos básicos de nossa experiência, apresentando um pensamento crítico e construtivo. Não se trata mais de uma doutrina acrítica, ou mesmo de uma análise superficial, ou ingênua. Para Levinas, seguindo Husserl, é preciso dar atenção aos fenômenos não de maneira ingênua, ou objetivista. Nesse sentido, seu pensamento busca uma posição filosófica, marcada pelo exercício do pensamento e da crítica como categorias superiores. A consciência é sempre intencionalidade. Uma intencionalidade que denota uma consciência, pois abrange a experiência humana como um todo, ou seja, abarca uma estrutura de horizontes que perpassa a vida em sua tessitura nervosa habitada pelas escolhas e opções do cotidiano. Para Levinas, a fenomenologia se apresenta como um caminho metodológico que pode abrir fronteiras e construir uma nova maneira de pensar, não mais motivado pela indução, dedução, ou dialética, mas pelo desenvolvimento de conceitos. Deste modo, supera as oposições entre o idealismo e o realismo, entre o sujeito e o objeto, entre a consciência e o mundo.

Levinas sempre foi muito cauteloso em relação às críticas tecidas ao seu grande mestre Husserl. Entretanto, sua postura sempre foi de abertura construindo seu pensamento baseado numa postura crítica em relação a fenomenologia husserliana. Sobretudo, sua postura em relação ao fechamento da cultura ocidental. Para Levinas, o outro sempre foi submetido as medidas do ego ocidental, que mantinha sob controle qualquer posição mais alvissareira. Deste modo, para Levinas, a fenomenologia husserliana não permitia qualquer possibilidade de transcendência, ou seja, a transcendência ética em direção ao outro. A relação com o outro passa a ser o objeto de uma experiência realmente transcendental, porque é nesta relação, enquanto saída de si, que existe o mútuo crescimento. O outro é outro apresentado por mim e para mim e é experimentado como outro de mim mesmo, numa espécie de ontologia fenomenológica.

No pensamento husserliano os fenômenos encontram-se interligados por uma lógica, cuja realidade e evidência está no ego. A relação que estabeleço não é com o outro, enquanto distinto de mim, mas a mim mesmo, como um reflexo do meu próprio eu. Levinas mostra, então, que essa forma de pensar característica da filosofia ocidental, comporta uma periculosidade. Uma periculosidade fundada em si mesma, enquanto pensamento circunspecto, fechado em seu próprio existir.

Assim como Husserl, Heidegger também influenciou o pensamento de Levinas. Levinas o considera genial. Mas a questão central da crítica levinasiana a Heidegger está na relação que o filósofo alemão estabelece para descrever o ser-no-mundo com o problema da existência humana no contexto da problemática ontológica. A filosofia de Heidegger procura ser uma ontologia fundamental, porque pretende elucidar a compreensão prévia do ser, implícita na compreensão dos entes. O ser está em toda parte e a tudo engloba, faz parte inclusive da experiência vital daqueles que o tentam elucidar. Nesse sentido, Heidegger a chama de compreensão pré-ontológica. Faz uma distinção clara e irreduzível entre ser e ente. Para Heidegger, o ser é a existência e os entes são os existentes. Afirma Heidegger: “De fato, o “ser” não pode ser concebido como ente, *enti non additur aliqua natura*: o ser não pode ser determinado acrescentando-lhe um ente. Não se pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir de conceitos superiores nem explicá-lo através de conceitos inferiores. (...) Daí pode-se apenas concluir que o “ser” não é um ente. Por isso o modo de determinação do ente, legítimo dentro de certos limites – como a definição lógica tradicional que tem seus fundamentos na antiga ontologia – não pode ser aplicada ao real” (HEIDEGGER, 1989, p. 29)

Deste modo, Heidegger faz uma distinção entre os domínios do ser (domínio ontológico) e os do ente (domínio ôntico). Para o filósofo alemão, a tradição filosófica ocidental esqueceu a realidade do ser dos entes, ou seja, sua estrutura fundamental, sua realidade mais profunda. O ser se revela na experiência humana, pois sua linguagem e seu modo de se apresentar indica a metafísica do seu mundo. Ela é então, essencialmente ontológica. Mas, segundo Levinas, trata-se de uma ontologia ensimesmada, pois lança luzes sobre si mesmo coibindo qualquer possibilidade de ser no exercício de se dar.

A questão do sentido do ser transforma-se em uma espécie de analítica existencial, pois remete a uma análise das estruturas da existência em seu feixe multidirecional apresentado como um *Dasein*, ou seja, o Ser-aí. Heidegger refere-se ao *Dasein* para designar a existência própria do homem, ou seja, daquele ente que tem como faculdade procurar o sentido para a sua existência. O Ser-aí é um existente, motivado por realidades circunstanciais que movimentam o seu cotidiano. O *Dasein* é um ser possível que se faz fazendo-se no mundo, por meio de escolhas, opções e estratégias consolidadas. Assim, o homem vive em função do seu existir, podendo transcender o plano puramente ôntico em direção ao ontológico. Assim, afirma Levinas: “O ato de sair de si ao encontro dos objetos (...) tem sua razão de ser num salto para além dos “entes”, compreendidos de maneira ôntica, em direção ao ser ontológico (...) Heidegger reserva a palavra transcendência para esse salto (...) que é a própria ontologia, a compreensão do ser” ( LEVINAS, 2002, p. 65).

A compreensão do ser se dá no próprio caminho existencial, obra de contínua discussão, escolhas pessoais e atitudes pensadas. Uma existência real que sabe o que quer não pode prescindir da clareza de objetivos e metas. O homem é um poder-ser que se realiza em meio a trama da vida e a tessitura cotidiana da existência.

Deste modo, compreende-se que o ser-no-mundo se apresenta como um projeto de existência. Enquanto projeto não pode ser reduzido apenas a um simples objeto, ou seja, a um simples estar-presente no mundo. O poder-ser do *Dasein* significa projetar, superar, transcender. Para Heidegger e para Levinas, a transcendência é um elemento constitutivo do ser-no-mundo. A existência é poder ser, enquanto atividade livre do ser que se constrói pela participação livre na constituição do mundo. O homem decide, por meio de escolhas razoáveis, condicionado pela cultura sua própria maneira de ser e de viver, enquanto existência autônoma. O homem não é apenas um expectador, mas protagonista na grande teia da vida e o faz transformando o mundo e a si mesmo, num ato sublime de irreverência e força histórica. Por isso, que sua presença é sempre possibilidade. Uma possibilidade marcada por ganhos e perdas no combate histórico entre forças plausíveis e contrárias. A dialética da vida ganha força com o poder do homem imerso em sua rotina, no claro entendimento de vencer todos os obstáculos inerentes ao processo no qual o *Dasein* está completamente inserido.

O ser se faz ser-com-os-outros. Assim, como não há sujeito sem mundo, não existe sujeito isolado. Ele é sempre relação. Relação consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus. A existência humana é constitutivamente aberta aos outros, que como eu participam do mesmo mundo e do mesmo embate histórico. Afirmar Heidegger: “O “com” é uma determinação da pre-sença (*Dasein*). O “também” significa igualdade do ser enquanto ser-no-mundo que se ocupa dentro de uma cosmovisão. “Com” e “Também” devem ser entendidos existencialmente, e não categorialmente. Na base desse ser no mundo determinado pelo e com o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da pre-sença (*Dasein*) é mundo compartilhado. O ser-em é ser-com-os-outros. O ser-em-si intramundano destes outros é co-pre-sença” ( HEIDEGGER, 1989, p. 70).

Entretanto, para Heidegger o ser se dirige para a morte e essa situação existencial gera angústia. O ser humano pode escolher tudo, mas não pode escolher não morrer. A morte determina o fim da sua existência. Assim, a morte torna-se uma possibilidade da impossibilidade de todos os projetos do ser-aí. Para o pensador alemão, a morte é uma possibilidade ontológica, a mais real de todas. Ela é simplesmente intransponível e incondicionada. Mas, a angústia gerada por este sentimento, pode fazer com que o homem se descubra em sua condição mortal e viva a vida de forma autêntica sem ilusões, ou subterfúgios. A existência autêntica é aquela que tem consciência da sua finitude e elabora estratégias para superar seus obstáculos mundanos. A existência autêntica acontece quando o homem assume sua morte como condição de possibilidade de sua própria vida, talvez, a possibilidade mais concreta de todas, pois nada poderá derrotá-la.

Levinas apesar de considerar Heidegger um gênio aos poucos vai se distanciando de sua filosofia. Aos poucos, constrói um pensamento diferente apontando críticas construtivas a ontologia heideggeriana. Coloca em questão a própria analítica existencial do *Dasein*, fazendo vir à tona o solipsismo neutralizante da ontologia fundamental de Heidegger, que reduz a natureza e a própria experiência existencial ao que o eu consegue apreender e tomar posse. O filósofo Loparic, assim se expressa: “a intuição básica de Levinas é fácil de resumir: sair da imersão enlouquecedora e despersonalizante do ser no existir solitário e sem sentido. Sair como? Quebrando os dois principais modos de amarração do ser: o pensamento representacional ou não, do ser e a posse. Sair para onde? Para a dimensão social do outro homem, baseada na relação com o outro” (LOPARIC, 1990, p. 213).

A explicação de Loparic esclarece o posicionamento de Levinas. A dimensão social em direção ao outro está no centro da reviravolta proporcionada pelo filósofo lituano-francês. Ele quer na verdade elaborar uma filosofia que se desvincule da metafísica tradicional, demasiadamente presa aos entes. Levinas quer resgatar o ser que estava esquecido na ontologia tradicional. Ele propõe uma ontologia fundamental que seja auto-sustentada e auto-suficiente, liberando o homem de toda prisão egolátrica, devolvendo-lhe a possibilidade da transcendência na abertura em direção ao outro. Afirmar Levinas, que a filosofia tradicional contemporânea pretendia ver no homem apenas uma mera articulação de um sistema racional ontológico, cujo humano estava apagado, pois girava em torno de si mesmo. Levinas constrói um sistema, cuja relação predominante não é a relação do homem consigo mesmo, mas com o outro em uma abertura constante e transcendental. Essa filosofia se caracteriza como filosofia primeira, pois, está baseada na ética enquanto crítica da possibilidade de novos horizontes.

No livro “Da Existência ao Existente”, Levinas formula um conceito fundamental compreendido como o “il y a”, ou seja, uma existência sem existente, o humano como o nada, como um objeto abandonado, destituído de sentido. Levinas aponta que o excesso de ser fundamenta o fechamento que caracterizou a cultura ocidental. O excesso de ser levou as pessoas a um enclausuramento gerando os males, que caracterizam o comportamento do homem contemporâneo. A clausura do ser sufoca o existente, mergulha-o no anonimato. Essa anonimidade, essa existência sem existente, que se alastra ofuscando e minimizando os entes revela a concepção levinasiana de “il y a”. A imagem do “il y a “ revela o despojamento absoluto da subjetividade do sujeito, enquanto ser esvaziado de sentido na medida em que não se comunica. A realidade dos condomínios das classes médias do nosso país retratam o fechamento de uma comunidade, que tem medo de se relacionar. Um medo próprio do mundo contemporâneo, pois o ser não se comunica, mas vive enclausurado com a aparência de proteção. Os rostos são sempre os mesmos, a linguagem se atrofia e a comunicação se restringe a poucas palavras de conforto. O que espanta Levinas, não é o nada, mas o vazio de um relacionamento motivado por aparências que se desfaz no primeiro olhar.

Para o nosso filósofo, é preciso sair do fechamento proporcionado pelo “il y a” , desta total carência de sentido da totalidade ontológica que insiste em tudo abranger. Para

romper a clausura do “il y a” impessoal não basta pôr-se como consciência que pensa (eu), pois, o pôr-se a si mesmo e por si mesmo é ainda uma espécie de resquício, de herança da imanência do eu na condição impessoal do “il y a”. Para Levinas, é preciso construir uma estrutura de alteridade, motivada pela compreensão do outro enquanto outro. O rosto do outro que se apresenta a mim me questiona, sobretudo, o rosto daquele ser que foi subjugado pelo sistema. O outro não é o mesmo. O outro é o ser que junto comigo quer se livrar do enclausuramento e se dirigir ao mundo como sujeito pensante que na liberdade e na responsabilidade constrói seu mundo. O mundo dos iguais, que na tolerância e no respeito procuram a transcendência no mesmo momento de se dar. A transcendência é a possibilidade da existência superior, caracterizada por seres que são sujeitos protagonistas de suas ações. O outro enquanto alteridade, exterioridade, apresenta-se como infinito ético que se abre transcendendo a totalidade ontológica.

Mas como o outro é compreendido no mundo contemporâneo? O mundo da comunicação, as notícias dos jornais nos dizem o que? Nunca vimos tanta notícias de morte, terremotos, guerras, assassinatos, violência... São corpos destruídos, seres que não se realizam enquanto existência autêntica. Esse é o assunto do próximo item.

## **2. O outro enquanto ser-no-mundo-da-comunicação:**

### **Uma análise dos fatos jornalísticos**

Em meados de julho de 2006, uma notícia tomou conta das primeiras páginas de todos os jornais do mundo: o conflito entre Israel e o Líbano (mais especificamente, com a facção xiita Hizbollah). Por volta do dia 12 de julho, a situação entre os dois países piorou com o seqüestro de soldados israelenses pelo grupo Hizbollah. A dificuldade nas negociações e a tentativa de intervenção da ONU e de outras forças internacionais tem sido uma constante nesse conflito.

O jornal Folha de S. Paulo, do dia 14 de agosto (GAWENDO, 2006, p. A 9), noticiou que no dia anterior, tanto Israel quanto o Hizbollah intensificaram os ataques, antes que tivesse início o cessar fogo estabelecido para o dia 14, conforme os dois grupos (Israel/Hizbollah) e a ONU haviam estabelecido. Somente os ataques aéreos de Israel,

mataram 17 pessoas no Líbano, inclusive, duas eram crianças. Enquanto isso, a milícia xiita disparou 250 foguetes e mísseis contra o Líbano, matando um homem de 83 anos e ferindo gravemente mais três pessoas. Israel encarregou-se da derrubada de três aeronaves do Hizbollah, que estavam carregadas de explosivos, porém, não tripuladas.

Conforme a mesma notícia, desde o início dos confrontos, 784 pessoas do lado libanês morreram, ao passo que outras 148 morreram do lado israelense. Somente no dia 13 de agosto, morreram cinco soldados israelenses. A ONU ainda destacou que desde o dia 12 de agosto, cinco bombardeios israelenses atingiram áreas da Unifil, que representa as forças da ONU no Líbano e, embora não tenha havido vítimas, a destruição foi imensa.

Em meio à guerra, as notícias sobre o assunto se multiplicam e o tratamento que os seres humanos recebem em guerra, ou por meio das notícias tem algo de convergente: a frieza. É certo que em qualquer situação de guerra perde-se o referencial do outro! A questão da alteridade em um contexto de guerra é transtornada e, às vezes, corrompida pois, a tendência é que cada grupo só considere realmente como outro, aquele que luta pela mesma causa, ao passo que os demais não são *outros iguais*, mas adversários a serem eliminados. Levinas afirma que com o extermínio do outro (o extermínio de seu corpo), quem assim o faz, subtrai-lhe sua possibilidade de ser-no-mundo, ou seja, lhe retira toda possibilidade de ser-presença (Dasein), como diria Heidegger.

A notícia da Folha de S. Paulo, ainda frisava que “o aumento dos ataques é comum nas últimas horas antes do cessar fogo. Como também são comuns as violações e os enfrentamentos terrestres, que devem continuar. Israel afirma que vai continuar se julgar que há perigo às suas tropas, ou de disparos contra o país. O Hizbollah promete continuar atacando até que o último soldado israelense deixe o país [...]” (GAWENDO, 200, p. A 9).

É interessante notar que o outro é considerado como um objeto, ou um obstáculo a ser vencido tanto que o jornal noticia ser “normal” a intensificação dos ataques em véspera de trégua. Racionalmente é impossível considerar normal o extermínio do outro. A metafísica reza em sua doutrina que o ser é bom e só o fato de existir demonstra sua bondade e sua “inviolabilidade”, se assim pudermos nos apropriar desse termo. Desse modo, é inconcebível o extermínio humano e a maneira como é tratado. Os nomes das crianças que morreram, ou do idoso que contava 83 anos, não vêm a público, pois talvez

seja mais importante expor numericamente e não acuradamente a situação das vítimas. No entanto, o dado referente ao idoso e às duas crianças mortas figura bem a injustiça da guerra apontada pela mídia, a ponto de que as disputas entre Israel e o Hizbollah atingirem pessoas inocentes, civis que em geral já não podem se defender.

Uma outra notícia do mesmo jornal (FISK, 2006, p. A 10) indica que nesse confronto, até o dia 14 de agosto, já haviam sido mortos até mil civis libaneses e mais de 30 israelenses. À primeira vista, esses danos parecem indicar uma suposta “vantagem” das forças israelenses sobre a milícia xiita do Líbano, devido ao número de vítimas, o que supostamente, demonstra a capacidade de dominação de um grupo sobre outro.

Segundo a referida notícia, o exército israelense vem sofrendo as conseqüências da “guerra de guerrilha mais implacável de sua história. E é uma guerra que ele pode muito bem vir a perder” (FISK, 2006, p. A 10). No prazo de 24 horas muitos soldados israelenses morreram, pois além de o Hizbollah ter lançado mísseis contra o território israelense, ainda promoveram uma invasão terrestre.

“Os militares israelenses falaram em operação de “limpeza” e “enxugamento” que teriam sido conduzidas por seus soldados ao sul do rio Litani, mas, aos olhos dos libaneses, quem parece ter feito o “enxugamento” é o Hizbollah” (FISK, 2006, p. A 10). As expressões que acabamos de expor bem indicam o quanto até mesmo os meios de comunicação acabam veiculando expressões que indicam a anulação do outro como ser-no-mundo. Claro está que os profissionais da área de Jornalismo dedicam-se a relatar o mais fielmente possível expressões e fatos que remontam à realidade, a fim de oferecer ao leitor uma notícia capaz de colocá-lo à par dos fatos. Não obstante, acabam também reproduzindo – não por concordarem ou discordarem da notícia, mas por ofício – elementos que bem indicam a questão axiológica do outro.

As expressões que os militares israelenses utilizaram, revelam como consideram seus adversários. Se consideram o extermínio de seus adversários como “limpeza”, isso nos aponta para o fato de que segundo a visão israelense os integrantes do Hizbollah não passam de “sujeira, estorvo etc.” E ao falar de enxugamento, isso demonstra também o desejo de diminuir, de extinguir, ou de fato extirpar a atuação de seus adversários, o que só será possível (entre outras soluções menos aceitas) por meio da morte e morte violenta,

como na maioria dos casos; pois ao promover mortes violentas, tanto Israel quanto o Hizbollah intentam demonstrar o quanto cada um é capaz de fazer. Trata-se aqui de medir forças a fim de verificar quem pode mais, porém, cabe aqui a pergunta: com que finalidade? Que benefícios isso traz?

Uma das finalidades nós já apontamos acima: verificar quem é mais poderoso. Mas quanto aos benefícios que isso traz é difícil precisar quais seriam... Pois é praticamente impossível encontrar algum benefício no extermínio humano, a não ser para aqueles que insistem em promovê-lo e que quando o conseguem gloriam-se de tê-lo alcançado.

Até aqui, temos uma visão objetificada do ser humano considerado no contexto de guerra, ora como vítima, ora como provocador da destruição de outros seres humanos. O jornalismo, via de regra, reflete, ou ao menos deve tentar refletir a realidade concreta, sem jamais distorcer os fatos, mas sim apresentá-los de maneira compreensível e prática. Assim, num percurso por meio dos fatos jornalísticos, notamos que em situações como as que acabamos de analisar, é notável o caráter de ódio e desejo de extermínio existente entre ambos os grupos conflitantes; no caso de uma descoberta, ou nova pesquisa científica, no contexto jornalístico (mas não só nele) veremos o ser humano considerado como objeto de experimento; no caso de uma reportagem acerca das mais recentes tendências da moda, o veremos como objeto de consumo e, assim, sucessivamente. Na sociedade globalizada e massivista em que nos encontramos a identidade pessoal, ou grupal parece que vai se anulando gradativamente a ponto de tornar-se uma só realidade. Com a aparente “superação das distâncias e dos preconceitos” que a sociedade hodierna vai se deparando, ocorre também um outro processo, mais perigoso e muito menos encantador: a anulação do ser-no-mundo próprio do homem e da mulher. Se antes o ser-no-mundo era expressão das potencialidades individuais, hoje parece tornar-se algo “corrompido”, ou seja, poderíamos afirmar que ser-no-mundo é o mesmo que ser-consumidor.

A espinhosa questão do consumismo que se vai alastrando por todo o orbe terrestre parece querer obrigar o ser humano a dela fazer parte. Parafraseando a célebre sentença do Concílio de Florença, podemos dizer que “fora do mercado consumidor não há salvação”. Quem quiser ser considerado ser humano deve consumir. O homem é considerado não por aquilo que é, mas pelo que consome.

Essa ideologia tão difundida em todos os setores da sociedade, inevitavelmente acaba se refletindo também nos fatos jornalísticos que se constituem num reflexo mais ou menos bem definido das questões axiológicas definidas pelo mundo contemporâneo.

Um outro artigo denominado “Estudo acha nova causa para deficiência no DNA”, publicado na Folha de S. Paulo, indicou que três grupos de pesquisadores publicaram estudos que descrevem “uma síndrome genética que pode se revelar uma das principais formas hereditárias de deficiência mental” (GARCIA, 2006, p. A 13). Para realizar essa pesquisa, 1.500 crianças foram submetidas a uma renovada técnica de análise de DNA, por meio da qual foi identificada uma anomalia presente num dos cromossomos, como sendo a causa de um conjunto de sintomas em dez dessas crianças, das quais, uma é brasileira. A partir dessa pesquisa, constatou-se que essa síndrome é hereditária, e que é também, responsável por 1% dos casos de deficiência mental entre os grupos populacionais analisados na pesquisa. Essa informação, embora pareça representar pouco, é algo valiosíssimo para possíveis avanços no campo da medicina.

Nesta notícia temos o enfoque científico como sua tônica, sendo que o destaque maior está no fato de compreender o ser humano como objeto de estudo e de experimentação. Claro está, porém, que isso tem como objetivo a melhoria dos tratamentos médicos dispensados a pessoas com retardamento mental, a fim de com isso, proporcionar melhores condições de tratamento e conseqüentemente, maior qualidade de vida a essas pessoas.

Um outro fato apresentado pela Folha de S. Paulo e que merece destaque quanto à sua relação com a questão da alteridade, foi a notícia acerca da luta contra a violência, em especial quanto à situação do sistema prisional brasileiro, quando comparado ao sistema colombiano. Os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) e as exigências de tratamento vip para alguns criminosos são apenas alguns dos muitos exemplos que se pode perceber na sociedade brasileira. Quando analisados cuidadosamente esses fatos podem ser comparados à violenta situação pela qual a Colômbia e mais especificamente a cidade de Bogotá passaram, no fim da década de 80 e início da década de 90, sob a ação de Pablo Escobar que na ocasião comandava a atuação do Cartel de Medellín. No prazo de apenas um ano, 300 policiais foram assassinados, bombas foram colocadas no senado, em

tribunais, etc. Muitos políticos foram assassinados. Gradativamente a Colômbia foi conseguindo reduzir esses números, mesmo com a persistência das Farc's (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) no interior do país, ao menos na capital tudo o mais já tem sido controlado de forma mais acertada, e isso graças à atuação do sociólogo Hugo Acero, consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), que, além disso, coordenou por nove anos a Secretaria de Segurança e Convivência da Prefeitura de Bogotá (JUSTE, 2006, p. A 14).

Além dos dados já elencados, a entrevista promovida pela Folha de S. Paulo com o sociólogo Hugo Acero revelou um caráter de possível mudança, ou seja, revelou que no caso do Brasil, também é possível implementar leis e sistemas de segurança que realmente favoreçam a modificação do quadro alarmante da violência no país. Acero, no decorrer de sua entrevista, ponderou que por meio de algumas formas punitivas, que no entanto, não ferem em nada aos direitos humanos, é possível modificar muita coisa.

Uma das grandes questões apresentadas pela notícia é o tratamento que se dá aos seres humanos, ou seja, se estando presos o que lhes deve ser imputado como punição, porém, uma outra questão que se interpõe a esta que acabamos de apresentar: se não se pode oferecer um tratamento disciplinador ao infrator que está preso, acaso esse poderia ter infringido a lei atentando contra a vida ou os bens alheios? À primeira vista tal questão pode soar como senso comum, no entanto, quando analisada cuidadosamente, revela-nos que na verdade temos diante de nós um problema que não tem merecido muita atenção no cenário político-nacional.

Com a implementação de políticas públicas que requerem um grande investimento, mas que oferecem um retorno muito positivo quanto à diminuição da violência, seria possível coibir ações criminosas promotoras de violência no Brasil, tal como ocorreu na Colômbia. Aqui temos uma questão interessante a ser analisada e esta não é outra senão a questão do que de realmente humano temos de preservar.

Em matéria de capa da edição de 20 de agosto último, a Folha de S. Paulo apresentou uma matéria intitulada “Pesquisa liga vírus a obesidade” (TÓFOLI, 2006, p. C3); ilustrando a apresentação da matéria com as formas de uma modelo bem diferente daquelas macérrimas a que estamos habituados a ver estampadas em jornais e revistas;

trata-se de Andréia do Nascimento Boschim, que embora seja gordinha não considera isso como algo anormal.

A matéria tratou acerca das pesquisas que vem sendo realizadas por dois grupos diferentes nos EUA, nas quais temos a apresentação da teoria de que microorganismos podem causar a obesidade. Tais pesquisas têm levantado polêmicas referente aos conhecimentos, que atualmente se tem acerca das causas da obesidade. O referido grupo de pesquisadores descobriu que o adenovírus, responsável pela gripe, e que é transmitido pelo ar, também pode gerar obesidade, pois segundo eles, 30% dos obesos apresentam o vírus, ao passo que entre pessoas magras o vírus somente está presente em 5% delas. Essa pesquisa pretende verificar se realmente é possível ser uma pessoa obesa devido à ação de um vírus transmitido pelo ar.

Um outro grupo de cientistas também está desenvolvendo uma pesquisa que tenciona observar a relação entre os micróbios presentes na flora intestinal e a obesidade, considerada uma doença. Segundo a pesquisa, em algumas pessoas esses micróbios facilitam a absorção de calorias.

Uma pesquisa promovida pelo IBGE, revelou que 40% da população brasileira está acima do peso, o que não nos distancia muito das médias encontradas nos EUA ou na Europa, por exemplo.

O tratamento da obesidade caminha para a inauguração de uma nova forma de encarar a doença: a “dieta genética”. Essa dieta poderá ter início a partir de testes, por meio dos quais será possível conhecer quais são as *falhas nos genes* que fazem uma pessoa engordar, possibilitando, assim, um tratamento individualizado. Segundo a reportagem, remédios e alimentação nada mais tem por função do que procurar solucionar de forma paliativa essas supostas *falhas do organismo* (TÓFOLI, 2006, p. C3).

O desejo de apresentar soluções a esse problema da obesidade é uma preocupação que tem despertado muitos pesquisadores a se empenharem nisso com muito afinco. Diante disso, uma vez mais, ao analisarmos o fato jornalístico, nos deparamos com a apresentação do ser humano como objeto de estudo. Porém, uma outra questão está latente nesse contexto: a consideração dos mais variados casos de obesidade como uma suposta falha genética. O problema é real; certamente a obesidade pode ter suas raízes nas características

genéticas, no entanto, podem desembocar numa manipulação genética desnecessária para algumas pessoas que mais tarde podem querer se utilizar disso por questões de estética e não de saúde. Um outro problema, que toca às pesquisas tecnocientíficas, está no fato de que nem tudo o que é descoberto é socializado, ou seja, será que as novas descobertas e seus conseqüentes benefícios chegarão a maioria das pessoas que realmente necessitam de tratamento? Tais descobertas se destinam a que classe de obesos? Não poderiam essas pesquisas desembocar em uma corrida desenfreada pela rejeição da própria forma corporal (no caso específico das pessoas um pouco acima do peso, mas que são saudáveis)?

Essas e outras questões acabam nos revelando problemas quanto a aceitação do próprio corpo (e em decorrência disso, do próprio eu), e isso se complica ainda mais quando colocamos essa situação em relação ao outro, pois segundo Levinas, é ele quem me oferece as referências necessárias ao meu próprio auto-conhecimento/auto-reconhecimento.

Um caso concreto de auto-aceitação, muito bem colocado nessa mesma notícia da Folha de S. Paulo, está no fato de que nem todas as pessoas acima do peso se afligem por não conseguir se adequar aos chamados “padrões estéticos” ou “padrões de beleza”. Trata-se da modelo Andréa do Nascimento Boschim, a que nos referimos anteriormente. Com 28 anos, 1,70m, 95 kg e manequim 50, a modelo não vê problemas em aceitar-se como é; tanto que, segundo informações da reportagem, nesse ano ela ganhou o título de “gordinha mais *sexy* do Brasil” e ainda afirmou que “mesmo se houvesse uma vacina ou um tratamento contra a obesidade, ela não gostaria de emagrecer” (TÓFOLI, 2006, p. C3).

A notícia ainda continua afirmando que “Andréa está satisfeita com seu corpo. Seu namorado, um sarado professor de capoeira também” (TÓFOLI, 2006, p. C3). Embora sua visão de si mesma seja algo muito positivo, ela não é a mesma que a da maioria das pessoas. No caso específico desse fato jornalístico, temos a interessante apresentação do outro como ser-no-mundo da comunicação, ora considerado como objeto de estudo e experimentação, ora como ser individualizado, capaz de portar-se e reconhecer-se no mundo como alguém que pode discordar da maioria das pessoas e mesmo assim realizar-se em sua existência; sendo assim, um ser autenticamente pessoal que não se deixa levar apenas pelos caracteres estéticos, que por vezes podem ser traiçoeiros. No caso da obesidade e de pessoas um pouco acima do peso, é necessária uma distinção entre as

primeiras, que na maioria das vezes necessitam de tratamento médico para manter uma vida saudável e as demais, que na maioria das vezes já estão saudáveis e que possuem geneticamente a tendência de fisicamente reter mais gordura, sem que isso as prejudique. No primeiro caso, o tratamento é imprescindível, no segundo, pode estar mais ligado a questões estéticas.

Para finalizar o estreito rol de análises sobre fatos jornalísticos que estamos desenvolvendo, uma última e alarmante notícia nos leva a constatar uma realidade de anulação da possibilidade de ser-no-mundo inerente ao outro: o aborto.

Dada a complexidade do assunto, para elucidar e analisar bem esse tema seria necessário que realizássemos um trabalho específico sobre esse item, porém, como isso não nos seria possível no momento, nossa análise se restringe à observação do fato seguida de uma breve análise do mesmo.

No Caderno Cotidiano da Folha de S. Paulo, de 20 de agosto de 2006, encontrava-se em letras garrafais o título: “17% das jovens fizeram aborto, diz estudo” (FIGUEIREDO, 2006, p. C5). Nada mais próprio e ao mesmo tempo mais macabro do que situar tal notícia no Caderno *Cotidiano*, pois a realidade comprova que realmente, para boa parte dos jovens brasileiros, o aborto já fez ou faz parte da vida deles.

A pesquisa Gravad (Gravidez na adolescência) mostrou que o aborto, embora seja uma prática ilegal no Brasil, já é um componente dos relacionamentos entre uma parcela significativa dos jovens brasileiros. Tal pesquisa foi realizada com jovens de Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro, totalizando quase 5.000 pessoas. A primeira indicação é a de que 16,7% das adolescentes fizeram aborto; 45,9% dos rapazes pesquisados afirmaram que tem, ou tiveram namoradas que fizeram aborto. A iniciação sexual é um outro indicador dessa problemática, pois as moças em geral começam sua vida sexual dentro da média de 17,9 anos, enquanto os rapazes começam com 16,2 anos. Dos jovens que participaram da pesquisa, 70% afirmaram ter usado proteção na primeira relação sexual; 29,3% das moças engravidaram antes de completar 20 anos; 21,1% dos rapazes relataram ter engravidado uma jovem antes dos 20 anos e por fim, 3,3% é a porcentagem referente aos jovens que mantiveram relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo (FIGUEIREDO, 2006, p. C5).

Outros dados ainda foram levantados pela pesquisa, como os 15,5% das moças que desejavam abortar na primeira gravidez e os 11,12% das moças que tentaram realizá-lo sem que o conseguissem. No que concerne aos rapazes, 20% deles revelou que na primeira gravidez de suas namoradas desejavam o aborto (FIGUEIREDO, 2006, p. C5).

Ao contrário do que comumente se pensa, o maior número de abortos não está entre as jovens de baixa renda, mas sim entre as jovens de maior renda e escolaridade, pois segundo a pesquisa, as mulheres com nível médio ou superior completo de escolaridade, relataram terem abortado três vezes mais do que as demais.

Temos aqui, defronte aos nossos olhos, a realidade assustadora da crescente difusão do aborto, que costumeiramente era associada à pobreza e falta de instrução, mas que foi desmentida pela recente pesquisa noticiada pelo jornal. Com essa mudança de panorama, é imprescindível a consideração levinasiana de que a destruição do corpo representa uma “covardia”, no sentido de privar ao outro sua possibilidade de ser-no-mundo e ainda mais quando esse outro não é tão outro assim, pois é sabido que durante seu processo de formação, o feto humano enquanto não desenvolve seus próprios órgãos, se limita a utilizar os órgãos da própria mãe para sobreviver, um exemplo disso é o coração da mãe, que por um certo período é também o coração de seu filho. Assim, em suas primeiras semanas o novo ser ainda não tem toda a autonomia que virá a ter mais tarde e, portanto, mãe e filho são uma só realidade. Atentar contra o feto em formação e desprovido de qualquer defesa (salvo a consciência moral da mãe, que pode protegê-lo ou matá-lo) constitui-se numa dupla violência: contra a mãe e contra o feto que dela faz parte e que vive sob sua dependência.

A falta de consciência acerca da questão da alteridade, leva jovens como os que a pesquisa tem apresentado a desconsiderar a questão da presença do outro no mundo. Gabriel Marcel, o célebre existencialista cristão sentenciava: “Eu sou meu corpo”. Sendo assim, atentar contra uma vida humana encerrada num corpo que depende do meu para sobreviver (e que dele faz parte até que haja a diferenciação devida), é o mesmo que atentar contra meu corpo. Portanto, tirar uma vida que depende da minha para continuar existindo não deixa de ser um ato suicida.

Além de todos os fatos jornalísticos que procuramos analisar, resta ainda um importante detalhe a ser observado e este não é outro senão a apresentação do outro por meio das fotografias que estampam as notícias mais diversas. É notável a expressividade das pessoas fotografadas durante os conflitos entre Israel e o Hizbollah. O choro, a dor, o desespero, são uma constante nessas fotos.

Ao lado das mesmas fotos que expressam a difícil situação do povo libanês e israelense, encontram-se milhares de outras que mostram, conforme a intenção e a ideologia do jornal, pessoas brincando, sorrindo etc. Quando se trata de propagandas, a situação muda ainda mais, pois sempre as pessoas aparecem muito bem vestidas e bastante alegres, revelando por vezes a imoral distância entre o mundo do consumo e a vida que a maior parte dos brasileiros leva. Talvez sorriam tanto por serem portadores da alegria de pertencer ao mundo do consumo, fora do qual “não há salvação”, como já aludimos anteriormente.

Nessas fotos jornalísticas o rosto humano, como centro de expressividade do ser, deixa transparecer o que se vive: a desgraça da guerra, a suposta alegria por consumir, os padrões de beleza que são estabelecidos etc. Para Levinas, o rosto é uma relação com o infinito que faz transparecer a totalidade e não uma relação produzida no âmbito de um gênero.

Em Emanuel Levinas, todo o sentido ou significação, como ele ousa chamar-lhe vem do outro e não do meu eu. O outro levinasiano não é empírico, nem puramente fenomenológico. É uma presença real que eu posso olhar e que me olha por sua vez; é dado no encontro face-a-face. Ele é rosto. Neste sentido, a sua filosofia já suficientemente conhecida como filosofia do outro, poderia também chamar-se filosofia do rosto. É a partir do encontro face-a-face (rosto) que o outro se apresenta como verdadeiramente Outro. A sua alteridade é dada pelo fato de que ele voltou para mim sua face (SANTOS, 2005, p.28-29).

Embora quase sempre ao olharmos uma notícia de jornal e analisar rapidamente as fotos que a ilustram, não percebemos toda a amplitude de sentido que as expressões dos rostos apresentam, é necessário que se promova uma redescoberta dos seres humanos como

*Outros*, ou seja, que sua real identidade seja resgatada e não ainda mais desfigurada. O outro para Levinas é uma presença que se revela como exterioridade, mas uma exterioridade proveniente de uma interioridade, pois o rosto humano é carregado de significado e não se reduz à sua manifestação meramente exterior. A manifestação exterior do rosto estende sua significação ao infinito, não se deixando prender apenas a uma manifestação fenomenológica, e assim, passa a constituir o enigma do rosto, que por assim dizer, é o enigma do outro. A inovação filosófica de Levinas nesse ponto está no fato de fazer do rosto um novo princípio, uma nova categoria, a partir da qual a realidade me é dada a partir do rosto do outro.

Enfim, o rosto em Levinas, é elevado à condição de categoria filosófica, significando a precedência filosófica do “essente” sobre o ser. “O modo como o outro se apresenta ultrapassando a idéia do outro em mim é chamado de fato rosto” (SANTOS, 2005, p. 28-29).

## Referências Bibliográficas

BADIOU, Alain. O outro existe? In: **Ética** – um ensaio sobre a consciência do mal. Paris: Relume Dumara, 1993.

BECKERT, Cristina. **Subjetividade e diacronia no pensamento de Lévinas**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1998.

\_\_\_\_\_. A idéia de infinito em nós. Descartes e Levinas. In: **Descartes, Leibniz e a modernidade**. Lisboa: Colibri, 1998.

\_\_\_\_\_. Emmanuel Levinas: da ética à linguagem. In: **Revista Philosophica**. São Paulo, n.2, p.115-134, 1993.

\_\_\_\_\_. Levinas (1906-1995). Invocação de um percurso filosófico. In: **Revista Philosophica**, n.7, p. 141-150.

BOLDA, Márcio S. **Rosto e alteridade**: pressupostos da ética comunitária. São Paulo: Paulus, 1995.

BUCKS, René. **A Bíblia e a ética**: a relação entre a Filosofia e a Sagrada Escritura na obra de Emmanuel Levinas. São Paulo: Loyola, 1997.

BRUZZI, Mello Hygina. O rosto do outro: a morada como acolhimento em Levinas. In: **Revista Síntese**, n.84, p. 119-126, jan./abr. 1999.

CINTRA, Benedito Eliseu Leite. Emmanuel Levinas e a idéia do infinito. **Margem**. Nº 16. São Paulo, dez. 2002. p. 107-117.

CHALIER, C. **A utopia do humanismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

COSTA, M. Levinas: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2000.

FABRI, M. **Desencantando a ontologia**: subjetividade e sentido ético em Levinas. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

\_\_\_\_\_. Levinas: mito-logos e a possibilidade de um sentido ético. In: **Revista Veritas**. Porto Alegre, n.174, p. 285, jul. 1999.

FIGUEIREDO, Talita. 17% das jovens fizeram aborto, diz estudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 agosto 2006. Caderno Cotidiano, p. C 5.

GARCIA, Rafael. Estudo acha nova causa para deficiência no DNA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 agosto 2006. Caderno Mundo, p. A 13.

GAWENDO, Michel. Na véspera de trégua violência cresce. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 agosto 2006. Caderno Mundo, p. A9.

HEIDEGGER, M., Ser e tempo. Parte I, 3 ed., 1989.

KUIAVA, A.E. Crítica de Levinas à estrutura da subjetividade kantiana. In: **Revista Veritas**. Porto Alegre, v.44, n.2. p. 267-310, jun. 1999.

LEVINAS, E. **Da Existência ao Existente**. Campinas. Papirus, 1999

\_\_\_\_\_. **De L'Existence à L'Existant**. Paris: J. Vrin, 1947

\_\_\_\_\_. **Difícil Liberdade**. Paris: Editions Albin Michel (Série Biblio-essais), 1976.

\_\_\_\_\_. **De Outro Modo Que Ser, O Mas Allá de la Esencia**. Salamanca: Ediciones Segueme, 1987.

\_\_\_\_\_. **De Dieu Qui Vient a L'Idée**. Paris. J. Vrin, 1982.

\_\_\_\_\_. **Em Descobrimento L'Existence avec Husserl er Heidegger**. Paris: J. Vrin, 1967.

\_\_\_\_\_. **Entre nós**. Ensaio sobre a Alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ética e infinito**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

\_\_\_\_\_. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

\_\_\_\_\_. **Totalité et infini**. Paris: Martinus Nijhof (Série Biblio-essais), 1971.

\_\_\_\_\_. **Transcendência e inteligibilidade**. Lisboa: Ed. 70, 1991.

\_\_\_\_\_. **Descoberto a Existência com Husserl e Heidegger**. Instituto Piaget. Lisboa, 2002.

LOPARIC, Z., Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da Filosofia. Campinas: Papirus, 1990.

LORES, Raul Juste. Contra violência, Bogotá melhorou os presídios. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 agosto 2006. Caderno Mundo, p. A 14.

NUNES, Etelvina. **O outro e o rosto**: problemas da alteridade em Emmanuel Levinas. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993.

PAIVA, Márcio. Subjetividade e infinito: o declínio do Cogito e a descoberta da alteridade. In: **Revista Síntese**, n.88, p. 213-230, maio//ago., 2000.

PELIZZOLI, M. **A relação ao outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

PIVATTO, Pergentino S. Ética da alteridade. In: **Corrente fundamentais da ética contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. A ética de Levinas e o sentido do humano: crítica à ética ocidental e seus pressupostos. In: **Revista Veritas**. Porto Alegre, v. 37, n.147, p. 325-363, set. 1992.

\_\_\_\_\_. A nova proposta ética de Emmanuel Levinas. In: **Cadernos da FAFIMAC**. Viamão. V. Especial, n. 13, p. 47-62, 1995.

SANTUÁRIO, L.C. Filosofia e psicanálise: a questão da alteridade em Lacan e Levinas. In: **Revista Veritas**. PUC-RS, n. 174, p. 369, jul. 1999.

SANTOS, Bem-Hesed dos. **Ética e transcendência em Emmanuel Levinas**. 2005. 94 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia – área de concentração Ética) – Faculdade de Filosofia-Centro de Ciências Humanas Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2005.

SIDEKUM, Antônio. Levinas e sua influência na Filosofia latino-americana. In: **Cadernos da FAFIMAC**. Viamão. V. Especial, n. 13, p. 73-76, 1995.

SOUZA, R.T. **Sujeito, ética e história**: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da Filosofia. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sentido e alteridade**: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUSIN, L.C. **O homem messiânico**: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1994.

TÓFOLI, Daniela. Pesquisa liga vírus a obesidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 agosto 2006. Caderno Cotidiano, p. C 3.